

DE KIMPA VITA A SIMÃO TOKO – Reflexão do Dr. MANUEL RUI MONTEIRO, publicado no Jornal de Angola – edição de 12 de agosto de 2021, quinta-feira, página 11 – opinião.

Nota Prévia do apresentador do texto

Desde a ancestralidade, a sociedade angolana foi sempre reconhecida como um mosaico multicultural, multietnolinguístico, multiracial “fruto da colonização europeia”, plurireligiosa cristã e ateuista, desenvolvimento da ciência e da arte, inspiração panafricanista, nacionalista e de defesa territorial, etc., etc., e nisto cada um se destacou de acordo com o seu talento e missão.

Neste particular queremos destacar uma figura conhecida em várias geografias pelo seu arcabouço literário, intelectual, escritor, crítico, político e social e também, por muitos considerado de um agnóstico assumido e ainda por outros, considerado de filósofo.

É este agnóstico Dr. Manuel Rui Monteiro, que nos referimos que no mês de agosto do ano 2021, visitou a Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo no Mundo «os Tocoistas». Depois da sua visita de constatação fez profunda reflexão sobre a conexão que eu a classifico de arcoíris, porque faz uma ligação profético espiritual entre Kimpa Vita e Simão Toko, reconhecendo a missão de Simão Toko de um Homem libertador e pacificador, e considera Santidade Bispo Dom Afonso Nunes como sendo o cimo da “Pirâmide Tokoista” ou seja, a personificação de Simão Toko.

Na verdade, só é possível conhecer o pensamento de alguém sendo boa ou ruim, depois de exteriorizá-la e dali, cada um fazer a sua análise de natureza artística, política, literária, científica, etc.

Para o conhecimento desta análise, trazemos à luz do leitor o seu pensamento sobre Simão Toko, conforme o texto abaixo:

O CÁGADO E AS PALAVRAS DO SILÊNCIO

É preciso vir aqui. Ver. Ouvir. Observar. Depois fechar os olhos. Levemente, a palma da mão na água e depois a mão molhada sobre a cabeça. E meditar.

Kimpa Vita tentou unificar o Reino do Congo com o seu movimento chamado Antonianista. Nasceu em 1684 no Monte Kubangu, Reino do Congo hoje território angolano. Depois de dois matrimónios fracassados virou-se para a vida espiritual. Foi treinada como “nganga marinda”, quer dizer, pessoa capaz de comunicar com os espíritos. Foi o monge capuchinho Bernardo de Gallo quem incentivou a sua morte. Em 1706, sob as ordens de Pedro IV, foi queimada viva, acusada de heresia. Espantou-me quando pensava que só os jesuitas queimavam pessoas vivas por heresia como tantas vezes aconteceu no Brasil.

Sentia-se uma reencarnação de Santo António de Pádua (de Itália) enviada para criar uma nova Igreja no Congo. Também chamada Dona Beatriz foi educada segundo a religião católica com adestramento para ser médium espiritual.

Tinha como missão reunificar o Reino do Congo dividido por sucessivas guerras civis. No séc.XVII, o Reino do Congo encontrava-se em declínio, quando anteriormente terá sido o mais rico e poderoso a África Central. O declínio explica-se quando os portugueses mataram o rei António I em 1665, a capital do reino, Mbanza Congo foi abandonada e começaram as divisões e luta pela sucessão.

É nesse contexto que surge a profetiza que em 3 décadas consegue reunir o povo do Congo. Beatriz achava-se com mandato divino de criar um catolicismo congolês e que tinha sido ali, em Mbanza Congo, que teria nascido a família divina. O cristianismo africanizado existiu antes de Kimpa Vita, pois há pinturas rupestres do tempo de D. Afonso I, que mostram um Cristo negro. Portanto, quando Kimpa Vita começou a professar a sua doutrina não espantou os Bakongo, mas apenas os invasores portugueses.

Kimpa Vita pregou o Antonianismo, conseguiu muitos seguidores e repovoar a capital do reino, Mbanza Congo, mas fez muitos inimigos, mormente os que queriam um cristianismo de matriz branca e romana.

Falei nesta grande senhora, que antecede a lutadora anticolonial rainha Njinga Mbandi e o mais próximo Profeta Simão Toko. É que eu adia a ir visitar o maior templo de África e um dos maiores do mundo; e falar com Sua Eminência o Bispo Dom Afonso Nunes.

Vou ter que abreviar, mas quem se quiser documentar melhor tem a ENCICLOPÉDIA TOCOISTA.

Simão Toko viveu entre 1918 e 1984. E bem se pode fazer uma ponte de continuidade entre Kimpa Vita e Toko, o novo profeta que vai consolidar um culto da cristandade plasmada na ancestralidade africana também como doutrina de libertação. Toko nasceu em Sadi-Zulumongo (Ntaia Maquela do Zombo, Uige), com o nome kikongo de Mayamona. Fez a escola primária na missão de Kibokolo e estudos liceais no Liceu Salvador Correia. Terá vivido na casa dos pais de Agostinho Neto e há quem acredite ter passado o élan libertador a Manguxi.

É em 17 de Abril de 1935 que terá acontecido o milagre que lhe revela a sua missão religiosa. Volta ao Uíge para as missões de Kibokolo e Bembe e em 1942 vai para Leopoldville (Congo Belga) para trabalhar na missão local e organiza o Coro de Kibokolo com conterrâneos oriundos de Maquela do Zombo.

Por mérito, participa em Julho de 1946 com Gaspar de Almeida e José Chiúla Chipenda na Conferência Internacional Protestante, na localidade que viria a ser Kinshasa, aí dirige uma prece atendida a 25 de Julho de 1949. Tem um desentendimento com a missão de Leopoldville e convoca uma vigília de oração na sua residência.

Aí, contaram os presentes terem entrado em transe, houve milagres e a igreja foi “Relembrada” de forma a retomar o caminho dos Apóstolos. Então, Toko e seus seguidores são presos pelas autoridades belgas, mais tarde entregues às autoridades portuguesas do posto fronteiriço de Nóqui como “Seita perigosa” e o grupo foi separado para vários e sucessivos degredos. Em 1961 com a luta armada no Norte de Angola os portugueses tentaram manipulá-lo, mas a desconfiança manda Toko para o exílio mais longínquo, a Ilha de S. Miguel nos Açores, onde trabalha como assistente de faroleiro em Ginetes.

Ficará neste exílio 11 anos. Entretanto troca cartas com seus seguidores em Angola e consegue organizar um movimento nacional. Vem o 25 de Abril em Portugal. Simão Toko é libertado e volta a Angola. Demanda o Presidente da Junta Governativa Rosa Coutinho que em nome da liberdade de expressão e de culto legaliza o tokoísmo. Mas, posteriormente, veio a perseguição e a clandestinidade e ainda cisões. Encontrou-se várias vezes com o amigo e ex-colega Agostinho Neto.

Simão Toko não parou e conseguiu falar com UNITA, MPLA e a FNLA, fazendo um apelo à unidade na diferença com a profecia de que se não optassem pelo diálogo haveria um prolongado banho de sangue, como infelizmente aconteceu.

Os tokoístas eram perseguidos como outros cultos objectores de consciência que recusavam pegar em armas. Julgo que só em 1992 o Estado reconheceu a Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo no Mundo.

Depois do desaparecimento físico de Simão Toko, Afonso Nunes recebeu mediante sonhos a passagem de testemunho e passou a ser Sua Santidade o Bispo Dom Afonso Nunes o cimo da pirâmide tokoísta com quem conversámos a semana passada após solicitação de um amigo meu conhecedor do Bispo.

Eu levava várias bíblias entre elas a bíblia africana escrita de forma como se nos tivessem a contar, oraturizada, mais próxima da fala. Juntei as palmas das mãos e disse: Aleluia. Ouvi amém.

O Bispo disse-me que dias antes da solicitação da visita, a sua mente visionara a mesma “visita”. Porquê a cor branca? Por significar a busca da pureza, a ascese, a paz e amor entre os homens.

Li pela bíblia africana que levava, um pedaço do cântico dos cânticos, falando de uma donzela morena, a Bíblia Tokoísta não exclui o cântico dos cânticos, mas assemelha-se à Igreja Católica no que toca à sexualidade, contra a homossexualidade e vai ao extremo de proibir os preservativos. É também contra o aborto, excepto nas situações de força maior., violação ou em razão de saúde.

Fomos falando percorrendo o Templo. Quem foi o arquitecto? Fui eu! Mas vossa Eminência sabe de arquitectura? Foi por inspiração divina. É imponente, mas convida a reflexão. A nave central está virada para o nascer do sol.

Enquanto caminhavamos em direcção ao púlpito num telão, vemos os nossos passos. Tem um sistema de manutenção de uma temperatura amena. Os cadeirões fazem-nos pensar no Reino do Congo. A organização é impecável e por dia servem mais de duas mil refeições a pobres (arroz e feijão).

No próximo domingo vou ao culto para conhecer a liturgia, a palavra e os cânticos. Molhar a palma da mão na água e passá-la pela cabeça... e a pensar que esta religião já anda pelos quatro cantos do mundo e o Templo aqui em Luanda deveria ser património cultural da humanidade e lugar para os turistas visitarem”. Fim de citação.

Transcrito por Pastor Augusto Salomão

9 Setembro de 2021